

Franz Rosenzweig
e o Pensamento Dialógico

Mendo Castro Henriques

Índice

Introdução	7
Capítulo 1 – O jovem Franz Rosenzweig	12
A formação cultural	12
O estudioso de filosofia e da história	15
O mais antigo programa de sistema do idealismo alemão	16
Capítulo 2 – Entre a terra e o céu	18
Conversão e revelação	18
O embrião do pensamento dialógico	21
A relevância do segundo Schelling	25
O trauma da Grande Guerra	29
Pensamento Doente, Pensamento Saudável	30
Capítulo 3 – A Estrela da Redenção e a criação de sentido	33
Sistema e singularidade	33
A introdução à <i>Estrela</i>	35
Os primeiros passos: A Criação	40
O dialético e o dialógico	41
Capítulo 4 – Revelação e Amor	43
Questões de método	43
Afirmar a vida e não o sistema	46
Reversões e facticidade: o significado existencial	48
Pensamento narrativo	51
Capítulo 5 – A promessa da redenção	56
Amor e Anseio	56

Promessa e Cumprimento	61
A forma da Estrela	63
Rituais da vida judaica	64
Rituais da via cristã	66
A Visão, a Vida e a Via	68
Capítulo 6 – O legado dialógico	73
Novo e Velho Pensamento	73
O senso comum e a filosofia da educação	74
A teoria da tradução	77
Considerações biográficas	79
Filosofia e política	79
Capítulo 7 – Quantas formas tem uma estrela?	86
O diálogo entre judaísmo e cristianismo	86
O judaísmo	89
Sobre o cristianismo	91
O regresso contemporâneo do paganismo	94
As Religiões Orientais	95
Reflexões sobre o Islão	96
Questões pós-rosenzweigianas: do holocausto ao fundamentalismo	98
Novo Pensamento e Trindade	101
Capítulo 8 – O pensador da pós-modernidade	104
Rosenzweig e os filósofos	104
Categorias do pensamento dialógico	109
Chegou o tempo de Franz Rosenzweig?	115
Bibliografia	116

Introdução

Franz Rosenzweig é um autor quase desconhecido, escreveu Stéphane Mosès, na abertura da sua monografia (1982, p. 17). Apesar dos estudos de Karl Löwith (1942 e 1958), Jürgen Habermas (1971) e, especialmente, E. Lévinas (1959, 1965); apesar de dois congressos internacionais dedicadas ao pensamento de Rosenzweig – em 1979 em Jerusalém e em 1986 em Kassel – comemorando, respetivamente, o meio século da sua morte e um século do nascimento; e de múltiplas teses sobre o seu pensamento, a situação é ainda esta em Portugal, onde uma monografia como a presente corresponde a uma receção tardia, mas merecida, de quem ocupa um lugar cimeiro entre os filósofos; o conhecimento, profundidade, originalidade e compaixão da sua visão marcaram decisivamente autores como Emmanuel Lévinas, Martin Buber, Eric Fromm, Leo Strauss, Walter Benjamin e Gersom Scholem, entre outros.

A sua obra fundamental publicada em 1921 – *A Estrela da Redenção* – foi reeditada em várias ocasiões (1930, 1954, 1974) e com uma grande tiragem na Suhrkamp Verlag (1988). Começou a ser traduzida em várias línguas – inglês em 1970, hebraico em 1972, francês em 1982, italiano em 1985 – mas continua quase ignorada em Portugal. No entanto, é um dos livros mais importantes do século xx, em tudo comparável ao *Ser e Tempo* de Heidegger ou ao *Tratado* de Wittgenstein. Além de antecipar a problemática da filosofia existencial, está na génese do que chamamos o “pensamento dialógico”, mais conhecido através de Buber e Lévinas.

Nele propôs um novo pensamento que podemos sintetizar em cinco princípios, em confronto com o velho pensamento. O ser humano nasce para a sua própria existência pela descoberta da alteridade absoluta; não é o absoluto que move o mundo. A revelação é o apelo de outrem para a inclusão, seja esse outro tão pobre de ser quanto um migrante ou tão rico de ser como Deus; não é uma mera outorga de tábuas da lei. A finitude define a experiência da humanidade; esta não é absorvida nem pelo mundano nem pelo divino. O diálogo é a relação com um tu em que o eu se descobre; não existe um cogito avassalador. As vozes da narrativa são a forma de descrever a realidade e não o discurso monológico.

Deveria ter iniciado esta constatação quando, em 1983-1984, estudei uma descoberta académica de Franz Rosenzweig, intitulada *O mais antigo programa de sistema do idealismo alemão*, um manuscrito de Hegel redigido em Estugarda em 1796¹. Ainda assim, e apesar de conhecer Rosenzweig como autor do livro *Hegel e o estado*, e de possuir o meu exemplar de *A Estrela da Redenção* desde 2004, passei ao lado da sua mensagem até 2011. Comprovadamente, filosofar não é construir teorias mas reconstruir a vida. A partir desse ano, a leitura partilhada do livro *Eu e Tu* de Martin Buber levou-me a sondar a fundo o pensamento dialógico de Rosenzweig com resultados apresentados ao longo do ano de 2016².

A Estrela da Redenção é uma obra difícil, escrita com o propósito declarado de romper com a filosofia da totalidade, mas que, à primeira vista, nem parece abandonar o jargão hegeliano. Apenas a leitura meditada de uma prosa genial e altamente idiomática permite descobrir as inovações do pensamento dialógico, uma poderosa alternativa ao pensamento dialético, mas que permaneceu reservado a especialistas e discípulos, sem influenciar suficientemente o curso das ideias no século xx³.

O caso deve ainda ser mais ponderado, pois sendo Franz Rosenzweig alemão e judeu tinha os ingredientes idiossincráticos para ser globalmente reconhecido. Mas nem o destino do mundo, nem a pessoa de Rosenzweig, nem o divino assim quiseram. Primeiramente, as duas guerras mundiais e o holocausto que se abateu sobre os judeus germânicos fizeram desaparecer

¹ No âmbito de um Seminário de Mestrado orientado por M. J. Carmo Ferreira. Cf. AA.VV. (1984); Bubner, Rüdiger (1973).

² “Franz Rosenzweig e o Deus Reconhecido”, comunicação in Congresso *Filosofia e Experiência de Deus*, UCP, Braga, 2015 (no prelo in RPF); “Franz Rosenzweig e o novo pensamento dialógico”, comunicação in Congresso *Filosofia, Crise e Consciência Social*, Lisboa, UCP, 29/1/16; “Franz Rosenzweig and the new dialogical thinking”, comunicação in Congresso *Comunicare si Relatii Publice*, Romenia, Iasi, 6/3/2016; Lisboa, Romenia; “How many shapes has a star? Human experience and theological diversity: the contribution of Franz Rosenzweig”, comunicação in Congresso Inter-religious and Inter-cultural Dialogue in a Pluralistic World, Ovidius University, Constanza, Romania, 3 de junho de 2016 (no prelo in Atas do Congresso); “Saudades do futuro e anti-saudosismo; apontamentos sobre a saudade na *Estrela* de Franz Rosenzweig”, comunicação in Colóquio Afonso Botelho – 7/6/2016 [publicado in *Nova Águia*, 18 (2016)]; “Categorias existenciais no pensamento de Rosenzweig”, Lisboa, comunicação no Seminário CEFI de Filosofia Dialógica, 16 de junho de 2016; “A utopia na *Estrela da Redenção* de Franz Rosenzweig”, Comunicação de 14 de setembro de 2016, Congresso do Espírito Santo, Lisboa.

³ Buber (2001). Sobre pensamento dialógico cf. Casper (1967b) e Bergman (1991).

da face da terra a maior parte dos herdeiros naturais da obra. Em segundo lugar, Rosenzweig preferiu o diálogo com pessoas comuns em vez de procurar o reconhecimento acadêmico do seu pensamento, e foi vítima de uma paralisia em 1922, falecendo sete anos depois.

Uma vez criada, a filosofia dialógica foi sedimentada por discípulos – em 1933, surge a primeira monografia sobre Rosenzweig, escrita por Else Freund. Nas décadas de 1950 e 1960, Rosenzweig foi central no pensamento teológico judaico. Amigos e admiradores de como Buber e Scholem refugiaram-se em Israel. Durante décadas, o principal recurso para conhecer globalmente Rosenzweig foi o livro de Nahum Glatzer (1953), *Franz Rosenzweig; Sua Vida e Pensamento*. Esta excelente introdução foi entretanto suplementada por obras de filósofos, teólogos, críticos literários e estudiosos da cultura, da política e religião.

Nesta monografia surge interligada a obra de Rosenzweig com o seu desenvolvimento como filósofo, e a sua importância para a cultura. O que emerge é uma personalidade que enfrentou os desafios da história e cultura europeias do século xx de um modo lúcido e heroico, mas cujo significado e propósito ainda está por reconhecer. Cedo desaparecido, a obra de Rosenzweig continua a ter um destino ingrato. Será uma vítima da ocultação da revelação bíblica que René Girard considerou o mecanismo subjacente da moderna cultura ocidental? Ou, pelo contrário, terá chegado o tempo de Rosenzweig numa época em que se agudizam as tensões entre religiões?

Rosenzweig desempenhou um papel breve mas notável no renascimento neo-hegeliano na década de 1910. Nos anos que se seguiram à Primeira Guerra Mundial, propôs uma síntese de filosofia e teologia, a que chamou «o novo pensamento». A sua visão da revelação como apelo do outro ajudou a moldar o curso da filosofia e teologia. As suas reflexões sobre a finitude e os contornos temporais da experiência humana tiveram um impacto duradouro; o diálogo apresenta a relação entre o eu e o tu como constitutiva da individualidade e com consequências redentoras. Colaborou com Martin Buber numa tradução alemã das Escrituras e fundou um centro de educação judaica de adultos em Frankfurt que atraiu os jovens alemães da época.

O interesse por Rosenzweig renovou-se na cultura pós-moderna em todas as disciplinas académicas bem como na literatura, na música, no cinema e em temas de cultura geral. Nestas dimensões, a pós-modernidade chamou a si categorias de alteridade e diferença, narrativa, história e memória, temporalidade e noção messiânica, todas elas categorias rosenzweigianas. Por isso, o mesmo movimento que trouxe à ribalta figuras europeias como Heidegger, Gadamer, Benjamin e Blumenberg, Foucault, Derrida, Ricoeur,

Lévinas e Agamben e outros, chamou por Rosenzweig a partir dos anos 80. Apresentava-se como contemporâneo e promotor de um pensamento desafiador da tradição filosófica. Romântico do início do século nuns aspetos, modernista noutros, apontava ainda para além do modernismo, para algo novo e desconhecido.

A reputação de Rosenzweig decorre, em grande parte, de uma vida fascinante, com quase-conversão ao cristianismo, um retorno ao judaísmo e a composição de *A Estrela da Redenção*, seu *opus magnum*, redigido em cartões-postais enviados da frente de guerra dos Balcãs. Abandonou uma promissora carreira académica, a fim de viver e ensinar na comunidade judaica de Frankfurt, e fez esforços heroicos para prosseguir o trabalho depois de se ter manifestado a paralisia que o vitimou. Esta vida, partilhada com um círculo de amigos íntimos e sua mulher Edith Hahn, bem como a doença prolongada que o vitimou falam poderosamente das ironias da existência humana.

Qualquer estudo da obra de Rosenzweig deve centrar-se na *Estrela*, um livro de filosofia focado nas relações da experiência humana e com implicações éticas, estéticas e metafísicas. É uma abordagem em que a revelação desempenha um papel vital, e em que o judaísmo e o cristianismo oferecem vislumbres, cada um com o curso de seu calendário litúrgico, da unidade redentora da humanidade.

Podemos afirmar que a obra é escrita num idioma já desaparecido, a linguagem do idealismo alemão, transformada pela introdução de categorias que emanam das Escrituras. Assim, a primeira parte da *Estrela* apresenta os elementos fundamentais com que a realidade se manifesta: Homem, Mundo e Deus. Os três livros da segunda parte introduzem o percurso ao longo do qual esses elementos avançam em direção à unidade, mediante relações de criação, revelação e redenção. A terceira parte propõe os caminhos do judaísmo e do cristianismo como as duas vias que espelham a redenção e a experiência do todo.

Apesar desta tonalidade religiosa, Rosenzweig emergiu como um precursor de ideias poderosas e provocadoras da pós-modernidade. Para ele, a religião não é uma confissão mas o quadro em que se desenrola o drama de ser. *Deus não criou a religião, criou o mundo*, escreveu e, aliás, a palavra *religião* quase não ocorre em *A Estrela da Redenção*. Convém salientar que ninguém é mais hostil do que ele ao espírito untuoso da religião, no sentido nietzscheano. Sem a revelação do amor, qualquer instituição religiosa está condenada à decadência.

O pensamento dialógico de Rosenzweig procura o todo do ponto de vista do ser humano finito, situado no tempo, num percurso que começa

no outro e que avança através das relações entre os elementos para uma promessa redentora. Criação é o divino a transformar-se em relação com o mundo do qual emerge o ser humano. Revelação é o humano a transformar-se pela relação com o divino. Redenção é a transformação do mundo pela relação com a humanidade. A *Estrela* percorre esta cadeia de relações em que são determinantes as escolhas da vida entre tudo e nada, entre amor e negação.

Em todo este discurso, a *Estrela* herda a rotura dos filósofos dissidentes do século XIX que romperam com o pensamento monológico dos velhos sistemas de metafísica. Contra esse ponto de vista do absoluto que liquidava os entes particulares, reagiram Schelling, Schopenhauer, Kierkegaard e Nietzsche, tal como Feuerbach e Marx e, na verdade, todos os que contrapuseram factos da existência a sistemas abstratos.

Rosenzweig recolhe, amplia e transforma essa herança dos filósofos dissidentes num pensamento pós-moderno que crismou figuras marcantes. É a sua voz que escutaremos nas páginas que se seguem, numa interpretação pessoal e com uma legitimidade que advém de uma profunda admiração por um pensador que é também uma testemunha da revelação. Como escreveu Naum Glatzer, *as reflexões de Rosenzweig podem ser contrariadas; a sua vida, não*.

Lisboa e Praia do Carvoeiro, agosto de 2016